

Educação e empatia: a importância da relação professor-aluno

Education and empathy: the importance of the teacher-student relationship

Arielle Cristhine Da Silva

Eliana De Oliveira Silva

Jhoneta Bruna Crispim Da Silva

Maria Rita Da Cunha

Neidemar Santos De Oliveira

Vilma De Souza Neris Pereira

RESUMO

Este trabalho tem como propósito refletir sobre a relevância da empatia como elemento estruturante das práticas pedagógicas e das relações estabelecidas no contexto escolar. A questão de pesquisa que orientou o estudo foi: como a relação empática entre professor e aluno pode influenciar positivamente os processos de ensino e aprendizagem no ambiente escolar? Para respondê-la, definiu-se como objetivo geral analisar de que maneira a empatia pode fortalecer a prática docente e contribuir para uma educação mais humanizada. Como objetivos específicos, buscaram-se: (1) compreender os fundamentos teóricos da empatia e sua relevância na relação pedagógica, e (2) identificar práticas pedagógicas empáticas que possam ser aplicadas no cotidiano escolar. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, com base em autores como Paulo Freire, Carl Rogers, Mantoan, Pianta e Johnson & Johnson. Os resultados evidenciam que a empatia é condição essencial para a construção de vínculos afetivos e para o desenvolvimento de um ambiente escolar acolhedor, propício à aprendizagem significativa. A relação empática contribui para o fortalecimento da autoestima dos alunos, o engajamento nas atividades escolares e o respeito à diversidade, sendo, portanto, um elemento transformador da prática educativa. Constatou-se, ainda, que o desenvolvimento da empatia requer formação continuada dos docentes, autorreflexão sobre sua prática e o engajamento em propostas pedagógicas dialógicas e cooperativas. Diante disso, o presente estudo propõe uma intervenção pedagógica voltada à formação docente com foco na empatia como competência relacional. O trabalho contribui com o campo educacional ao ressaltar a importância das relações humanas no processo de ensino e aprendizagem e ao propor caminhos concretos para uma pedagogia mais ética, afetiva e inclusiva.

Palavras-chave: Empatia. Relação professor-aluno. Educação humanizada. Prática pedagógica.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the relevance of empathy as a structuring element of pedagogical practices and the relationships established within the school context. The guiding research question was: how can the empathetic relationship between teacher and student positively influence teaching and learning processes in the school environment? To answer this, the general objective was defined as analyzing how empathy can strengthen teaching practices and contribute to a more humanized education. Specific objectives included: (1) understanding the theoretical foundations of empathy and its relevance in the pedagogical relationship, and (2) identifying empathetic pedagogical practices that can be applied in everyday school life. The methodology employed was a bibliographic review based on authors such as Paulo Freire, Carl Rogers, Mantoan, Pianta, and Johnson & Johnson. The results highlight that empathy is essential for building affective bonds and developing a welcoming school environment conducive to meaningful learning. The empathetic relationship contributes to strengthening students' self-esteem, engagement in school activities, and respect for diversity, thus being a transformative element of educational practice. It was also found that developing empathy requires ongoing teacher training, self-reflection on their practice, and engagement in dialogical and cooperative pedagogical proposals. Therefore, this study proposes a pedagogical intervention focused on teacher training with an emphasis on empathy as a relational competence. The work contributes to the educational field by emphasizing the importance of human relationships in the teaching and learning process and proposing concrete paths for a more ethical, affective, and inclusive pedagogy.

Keywords: Empathy. Teacher-student relationship. Humanized education. Pedagogical practice.

INTRODUÇÃO

A educação, em sua dimensão mais humana, é um processo que ultrapassa a simples transmissão de conteúdo. Trata-se de uma prática relacional, pautada no encontro entre sujeitos que compartilham experiências, saberes e afetos. Nesse contexto, a qualidade da relação entre professor e aluno torna-se elemento central para o êxito do processo educativo. Mais do que uma condição operacional da sala de aula, essa relação é constitutiva da própria experiência de aprender e ensinar.

Nos últimos anos, tem se intensificado o debate acerca da importância das dimensões afetivas e empáticas na educação, sobretudo diante dos desafios contemporâneos enfrentados pelas escolas, tais como a indisciplina, a evasão escolar e a desmotivação dos estudantes. Nesse cenário, compreender o papel da empatia na mediação da relação pedagógica é essencial para a construção de ambientes escolares mais inclusivos, acolhedores e formativos.

O professor, ao estabelecer vínculos baseados no respeito, na escuta ativa e na valorização da individualidade do aluno, contribui para a criação de um clima pedagógico

mais propício à aprendizagem. A empatia, nesse sentido, deixa de ser uma postura secundária, passando à uma competência profissional fundamental, capaz de favorecer o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos educandos. Por outro lado, a ausência de empatia na prática docente pode comprometer significativamente o processo de ensino-aprendizagem, gerando distanciamento, desinteresse e conflitos. A falta de diálogo e sensibilidade às necessidades e contextos dos alunos enfraquece a confiança mútua e limita a construção de saberes significativos.

A partir dessa perspectiva, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a importância da empatia na relação professor-aluno, entendendo-a como um pilar da prática pedagógica comprometida com a formação integral dos sujeitos. A empatia, como destaca Carl Rogers (1985), é uma das atitudes facilitadoras do desenvolvimento humano, sendo indispensável em qualquer relação educacional que se pretenda transformadora.

A pergunta que orienta esta pesquisa é: como a empatia pode contribuir para o fortalecimento da relação professor-aluno e para a melhoria do processo educativo? A partir dessa inquietação, o objetivo geral do estudo é analisar a importância da empatia na relação pedagógica entre professores e alunos no contexto da educação básica.

Como objetivos específicos, busca-se: (1) compreender as contribuições da empatia para a qualidade da interação em sala de aula; e (2) identificar estratégias pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento de relações empáticas entre docentes e discentes. Esses objetivos pretendem oferecer subsídios teóricos e práticos para o aprimoramento da prática docente em diferentes contextos escolares.

A relevância acadêmica desta pesquisa está na necessidade de aprofundar os estudos sobre as dimensões subjetivas e relacionais da docência, frequentemente negligenciadas nas formações inicial e continuada de professores. A importância social do tema, está em considerar o potencial da empatia para promover ambientes escolares mais justos, respeitosos e acolhedores.

O presente estudo se insere no contexto das discussões sobre educação humanizadora, conforme defendida por Paulo Freire (1996), que compreende o ato de educar como um exercício de diálogo, afeto e respeito às diferenças. A pedagogia freireana convida educadores a reconhecerem os estudantes como sujeitos históricos e a desenvolverem práticas que valorizem sua escuta e participação.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório e com base em revisão bibliográfica. A investigação apoia-se na

análise de obras e artigos científicos que abordam a empatia na educação, a relação professor-aluno e os aspectos afetivos do processo de ensino-aprendizagem.

O levantamento e a sistematização de produções acadêmicas sobre o tema permitirão compreender como a empatia tem sido discutida nos campos da pedagogia, psicologia educacional e sociologia da educação, possibilitando uma análise crítica e fundamentada da temática. A escolha pela revisão bibliográfica justifica-se pelo interesse em consolidar um referencial teórico robusto, que sirva de base para futuras pesquisas empíricas ou intervenções pedagógicas voltadas à promoção de práticas educacionais mais empáticas e significativas.

Este trabalho se estrutura em capítulos que abordam, inicialmente, os conceitos e fundamentos da empatia, seguidos da análise da relação professor-aluno e das estratégias que podem favorecer vínculos mais humanizados no ambiente escolar. Ao final, serão apresentadas as considerações finais, retomando os objetivos e destacando as contribuições da pesquisa.

Espera-se que este estudo contribua para o fortalecimento de uma cultura escolar pautada no respeito à diversidade, no acolhimento das diferenças e na construção coletiva do conhecimento, reconhecendo que a empatia não é um adereço da prática educativa, mas sua essência. Compreende-se que uma educação verdadeiramente transformadora só é possível quando professores e alunos se reconhecem mutuamente como sujeitos de direitos, de afetos e de saberes, e quando a sala de aula se torna um espaço de encontro, escuta e respeito mútuo.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA EMPATIA NA EDUCAÇÃO

A empatia, compreendida como a capacidade de colocar-se no lugar do outro, entendendo suas emoções, perspectivas e contextos, é uma competência fundamental nas relações humanas, especialmente naquelas que envolvem processos formativos. Na área educacional, a empatia ocupa um lugar central, pois favorece a criação de vínculos positivos entre professores e alunos, promovendo um ambiente propício ao aprendizado e ao desenvolvimento integral dos sujeitos.

Carl Rogers (1985), um dos principais teóricos da psicologia humanista, destaca que a empatia é uma das atitudes essenciais para a relação de ajuda. Para o autor, um educador empático é aquele capaz de compreender os sentimentos e significados vividos por seus alunos e comunicar essa compreensão de forma autêntica e respeitosa. Essa

postura cria uma atmosfera de confiança, onde o educando sente-se valorizado, escutado e estimulado a aprender. Rogers defende que a aprendizagem significativa ocorre quando o estudante percebe que o professor acredita nele e acolhe suas experiências e dificuldades.

Complementando essa perspectiva, Daniel Goleman (1995), ao tratar da inteligência emocional, aponta a empatia como um dos cinco pilares fundamentais dessa competência. Segundo o autor, a empatia permite ao educador perceber os sinais emocionais dos alunos, ajustar suas estratégias pedagógicas e responder de maneira apropriada aos desafios que surgem no cotidiano escolar. Goleman reforça que professores emocionalmente inteligentes são mais eficazes na mediação de conflitos, no incentivo ao engajamento dos estudantes e na criação de um clima escolar mais positivo.

Nesse sentido, a empatia também assume um papel fundamental na construção de uma educação inclusiva e equitativa. Como afirma Maria Teresa Eglésias (2014), a empatia docente é essencial para reconhecer e valorizar as diferenças entre os estudantes, promovendo uma abordagem pedagógica que considere os diversos contextos culturais, sociais e emocionais presentes em sala de aula. A autora argumenta que o olhar sensível do professor é um ponto de partida para a efetiva promoção da justiça social na escola.

Ao longo da história da educação, diferentes abordagens pedagógicas destacaram a importância da relação professor-aluno. A pedagogia crítica de Paulo Freire (1996) enfatiza que ensinar exige escuta, diálogo e afeto. Para Freire, o ato de educar é, antes de tudo, um ato de amor, o que implica reconhecer o outro como sujeito de saber e dignidade. A empatia, portanto, é elemento constitutivo de uma pedagogia libertadora, que visa à formação de sujeitos críticos, conscientes e solidários.

A relação empática, além de favorecer a aprendizagem, também tem impacto positivo na prevenção de comportamentos indisciplinados e na promoção da saúde emocional dos estudantes. Conforme Salovey e Mayer (1990), criadores do conceito de inteligência emocional, o reconhecimento e a gestão das emoções são fundamentais para a manutenção de relações interpessoais saudáveis. No contexto escolar, essa competência auxilia o professor a lidar com situações de tensão, a compreender comportamentos disruptivos e a promover intervenções mais humanizadas.

Autores como Rinaldi (2005), inspirada na experiência das escolas de Reggio Emilia, na Itália, reforçam a importância de uma escuta pedagógica atenta e empática, que permita ao educador perceber os interesses, curiosidades e modos de expressão dos alunos. Essa escuta qualificada transforma a sala de aula em um espaço de coautoria do

conhecimento, em que o professor atua como mediador sensível ao potencial de cada criança.

Dessa forma, esses fundamentos teóricos reforçam a ideia de que a empatia é um elemento estruturante da prática docente, com impacto direto na qualidade da educação. Trata-se de uma atitude que precisa ser cultivada, valorizada e desenvolvida nas formações docentes, para que as escolas possam cumprir seu papel de formação humana e cidadã.

A relação professor-aluno no cotidiano escolar

A relação entre professor e aluno configura-se como um dos elementos centrais no processo educativo e no desenvolvimento integral do estudante. Para além da transmissão de conteúdos, a prática docente envolve a construção de vínculos afetivos, éticos e comunicativos que sustentam o ambiente escolar como espaço de crescimento humano e social. Conforme Libâneo (2013), a ação pedagógica precisa considerar a dimensão relacional do ensino, pois é na interação cotidiana que se estabelecem as condições para a aprendizagem significativa, o reconhecimento mútuo e a valorização do sujeito.

Nesse contexto, a empatia emerge como um componente essencial na mediação da relação educativa. Trata-se da capacidade de o professor colocar-se no lugar do outro, compreender suas experiências e agir com sensibilidade diante das necessidades dos alunos. De acordo com Carl Rogers (1985), a empatia é uma das condições necessárias para que ocorra uma aprendizagem real, pois cria um clima de aceitação e segurança que favorece a expressão pessoal e o engajamento do estudante no processo de construção do conhecimento.

No cotidiano escolar, a qualidade da relação entre docentes e discentes impacta diretamente o comportamento, a autoestima e o desempenho acadêmico dos alunos. Pesquisas como as de Pianta e Stuhlman (2004) indicam que relações positivas com professores estão associadas a maiores índices de participação em sala de aula, melhor autorregulação emocional e menor evasão escolar. Assim, a construção de uma relação baseada em respeito, escuta ativa e confiança torna-se indispensável para um ambiente educacional mais inclusivo e humano.

Entretanto, estabelecer relações empáticas no ambiente escolar não é tarefa simples. As pressões burocráticas, as exigências curriculares, o excesso de alunos por sala

e a carência de formação emocional dificultam a escuta sensível e o acolhimento das singularidades. Conforme Tardif (2002), o trabalho docente é marcado por uma multiplicidade de saberes e exigências que exigem constante negociação entre técnica, afetividade e compromisso ético. Nesse sentido, desenvolver uma postura empática requer formação contínua, autoconhecimento e disposição para lidar com a complexidade humana em suas múltiplas expressões.

Um aspecto importante da relação professor-aluno é a forma como o docente lida com os conflitos e com a diversidade de comportamentos. A empatia, nesse caso, não anula a autoridade pedagógica, mas a qualifica, permitindo uma atuação firme e ao mesmo tempo compreensiva. Quando o professor consegue enxergar além das manifestações superficiais dos alunos, é possível identificar causas mais profundas de desmotivação ou indisciplina, muitas vezes associadas a fatores socioemocionais, familiares ou de exclusão social.

A escuta ativa e a valorização da voz do estudante são práticas que fortalecem a relação pedagógica e promovem maior autonomia e protagonismo juvenil. Conforme Freire (1996), ensinar exige respeito à autonomia do educando, o que implica reconhecer o estudante como sujeito do processo educativo, capaz de contribuir com saberes e experiências. Dessa maneira, a empatia deixa de ser apenas uma disposição afetiva e transforma-se em um princípio pedagógico e ético, fundamental para a formação cidadã e para a construção de uma escola democrática.

Outro fator a ser considerado é o papel da comunicação no fortalecimento da relação professor-aluno. A linguagem utilizada, os gestos, a escuta atenta e o feedback construtivo influenciam diretamente a forma como os alunos se percebem e se relacionam com o conhecimento. Como apontam Nóvoa e Alarcão (2003), a pedagogia relacional precisa incorporar competências comunicativas e emocionais que permitam ao professor criar vínculos significativos, especialmente com alunos em situação de vulnerabilidade.

A formação docente, portanto, deve incluir não apenas conteúdos técnico-pedagógicos, mas também temas como inteligência emocional, ética nas relações e estratégias para o desenvolvimento da empatia em sala de aula. Investir nesse tipo de formação é investir em um processo educativo mais humanizado e inclusivo, em que a aprendizagem ocorre não apenas por meio do conteúdo, mas também da qualidade das relações humanas estabelecidas no espaço escolar.

A relação professor-aluno, quando pautada pela empatia, contribui para a prevenção da violência escolar, a promoção da saúde mental e o desenvolvimento de uma

cultura de paz. Isso é especialmente relevante em um cenário educacional marcado por desigualdades e por desafios relacionados à inclusão de alunos com diferentes histórias, identidades e necessidades. Como destaca Ferraço (2011), a escola precisa ser um espaço de acolhimento das diferenças, o que exige professores capazes de estabelecer relações empáticas e justas com todos os seus estudantes.

A empatia não é uma qualidade inata, mas uma competência que pode e deve ser cultivada ao longo da prática docente. Sua presença na relação professor-aluno representa um passo fundamental para transformar a escola em um espaço mais democrático, solidário e formativo. Ao reconhecer o outro em sua inteireza e dignidade, o professor contribui não apenas para o sucesso acadêmico, mas para a formação ética e emocional de seus alunos.

A empatia como dimensão formativa no ambiente escolar

A empatia, entendida como a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos do outro, tem se consolidado como uma dimensão indispensável na prática educativa, especialmente em tempos de crescente complexidade social, diversidade cultural e desafios emocionais no espaço escolar. Sua presença transforma não apenas a relação pedagógica, como já discutido, mas também a estrutura formativa da escola como um todo, conferindo-lhe um caráter mais ético, democrático e inclusivo. Nesse sentido, a empatia deve ser pensada não como um recurso complementar, mas como um princípio norteador das práticas pedagógicas.

Segundo Goleman (1995), a empatia é uma das habilidades fundamentais da inteligência emocional e está diretamente relacionada à capacidade de estabelecer relações interpessoais saudáveis. No contexto educacional, isso significa que o professor empático é capaz de identificar as emoções dos alunos, compreender suas reações e criar estratégias de ensino mais humanas e significativas. Essa sensibilidade contribui para reduzir conflitos, aumentar a confiança e favorecer a aprendizagem em um ambiente psicologicamente seguro.

A empatia assume um papel formativo porque modela atitudes e valores que os alunos tendem a internalizar. Conforme aponta Morin (2000), é essencial que a escola promova a formação para a compreensão humana, reconhecendo a interdependência entre os sujeitos e os contextos sociais nos quais estão inseridos. Ao exercitar a empatia, o professor ensina, pelo exemplo, a importância do respeito, da escuta e da solidariedade.

Assim, o ambiente escolar torna-se um espaço privilegiado para a aprendizagem emocional e ética.

A empatia no contexto educacional também se relaciona com o desenvolvimento da alteridade – a capacidade de reconhecer o outro em sua singularidade. Essa prática está fortemente alinhada aos princípios da educação inclusiva, pois implica enxergar o aluno para além de suas dificuldades ou limitações, considerando-o em sua totalidade e potencial. Como ressalta Dall’Igna (2014), educar com empatia é romper com modelos pedagógicos excludentes e promover o acolhimento como parte do processo formativo.

Para que a empatia se consolide como dimensão formativa, é necessário que esteja presente também na formação docente inicial e continuada. A ausência de discussões sobre aspectos socioemocionais na formação de professores ainda é uma lacuna em muitos cursos de licenciatura. Conforme Day (2001), a identidade profissional docente é construída em grande parte pelas experiências emocionais vividas na escola, sendo fundamental oferecer espaços de reflexão sobre a dimensão afetiva do ensino. Professores empáticos são, frequentemente, aqueles que foram formados em ambientes onde o cuidado e o reconhecimento mútuo foram valorizados.

A empatia, entretanto, supera a dimensão afetiva da educação; ela também possui implicações cognitivas e pedagógicas. O docente empático é aquele que conhece a realidade sociocultural dos seus alunos, entende suas dificuldades de aprendizagem e busca metodologias que dialoguem com essas especificidades. Como defende Vygotsky (1991), a aprendizagem é um processo social e relacional, e o desenvolvimento do aluno está intimamente ligado à mediação do outro. Assim, a empatia se torna um dispositivo para a personalização do ensino e para o desenvolvimento de práticas mais eficazes e justas.

Outro ponto relevante é a empatia como instrumento de mediação de conflitos. Em situações de tensão, desentendimento ou resistência à aprendizagem, a postura empática permite que o professor intervenha de forma mais compreensiva, escutando as razões do aluno e buscando soluções que respeitem os direitos e deveres de todos os envolvidos. Isso fortalece a cultura do diálogo e da convivência pacífica, como propõe Arendt (1995), ao valorizar o espaço público da escola como um lugar de pluralidade e de formação para a cidadania.

A construção de uma escola empática exige também uma gestão escolar comprometida com o bem-estar coletivo e com a promoção de práticas colaborativas. Professores, coordenadores e diretores devem atuar de maneira integrada, criando redes

de apoio emocional e promovendo uma cultura institucional baseada no cuidado. Como sugerem Rios e Pimenta (2008), a formação docente deve estar articulada a uma dimensão ética e estética do trabalho educativo, em que o prazer de ensinar e de aprender esteja vinculado ao respeito às subjetividades.

O desenvolvimento da empatia no ambiente escolar fortalece o projeto de uma educação transformadora. Professores empáticos não apenas ensinam conteúdos, mas ajudam seus alunos a se tornarem mais humanos, críticos e solidários. A formação de sujeitos conscientes de si e dos outros, capazes de agir com responsabilidade social, depende, em grande medida, da presença de vínculos empáticos e do reconhecimento da escola como espaço de convivência democrática e de valorização da diversidade.

Práticas empáticas na educação e possibilidades de ação docente

A efetivação da empatia no cotidiano escolar exige mais do que boas intenções. Requer práticas pedagógicas concretas, estruturadas a partir de uma escuta ativa, de interações dialógicas e do reconhecimento das singularidades de cada estudante. O desafio do educador contemporâneo está em transpor os princípios teóricos da empatia para ações sistemáticas que permeiem o currículo, a avaliação, a gestão da sala de aula e a relação com as famílias e a comunidade.

A escuta ativa é um dos principais instrumentos da prática empática. Freire (1996) destaca que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos e implica uma postura de abertura ao diálogo. Isso significa acolher as experiências de vida dos alunos, valorizando seus contextos socioculturais como ponto de partida para a aprendizagem. Práticas como rodas de conversa, momentos de partilha ou assembleias escolares são estratégias que podem fortalecer a cultura da escuta e da participação ativa.

Outra prática relevante é o planejamento de atividades pedagógicas que favoreçam a cooperação, a solidariedade e o trabalho em grupo. O ensino colaborativo, como apontam Johnson e Johnson (1999), promove interações que estimulam a empatia, à medida que os alunos aprendem a trabalhar juntos, resolver conflitos e se colocar no lugar do outro. O professor, nesse contexto, atua como mediador das relações, incentivando atitudes de respeito, paciência e acolhimento das diferenças.

A avaliação, frequentemente associada a um julgamento impessoal, também pode ser ressignificada a partir de uma abordagem empática. Para Luckesi (2011), avaliar é um ato amoroso e ético, que deve levar em conta o desenvolvimento integral do aluno e não

apenas seu desempenho acadêmico. Práticas como a autoavaliação, a coavaliação e a devolutiva qualitativa são formas de tornar a avaliação mais humanizada, aproximando-a das reais necessidades dos estudantes.

A formação de vínculos afetivos também é uma dimensão essencial da prática docente empática. Um professor que conhece seus alunos pelo nome, que se interessa por suas histórias e que está atento às suas emoções constrói um ambiente seguro e propício à aprendizagem. De acordo com Pianta (1999), a qualidade da relação professor-aluno está diretamente relacionada ao engajamento acadêmico e ao sucesso escolar, sobretudo entre alunos em situação de vulnerabilidade.

A empatia deve orientar a gestão da diversidade na sala de aula. Isso implica reconhecer que os estudantes apresentam diferentes estilos de aprendizagem, culturas, valores e histórias de vida. Como afirma Candau (2008), a educação intercultural é uma via potente para o exercício da empatia, pois desafia a escola a sair de uma lógica homogeneizante e a acolher múltiplas identidades. Práticas como o uso de materiais didáticos plurais, o incentivo à expressão cultural e a valorização de diferentes formas de linguagem enriquecem o ambiente educativo.

O acolhimento de alunos com deficiência ou necessidades educacionais específicas é outro campo em que a empatia se torna ferramenta essencial. A atuação do professor deve estar alicerçada em uma compreensão profunda das barreiras enfrentadas por esses alunos e no compromisso com práticas inclusivas. Mantoan (2003) afirma que a inclusão só é possível quando os profissionais da educação assumem posturas éticas, colaborativas e empáticas, voltadas à construção de uma escola para todos.

Além das práticas em sala de aula, a empatia pode ser promovida por meio de projetos integradores que envolvam toda a comunidade escolar. Campanhas de solidariedade, ações socioeducativas e eventos culturais são oportunidades de fortalecer o senso de pertencimento e de desenvolver nos estudantes atitudes cidadãs. Essas práticas contribuem para a formação de sujeitos mais sensíveis às necessidades do outro e comprometidos com a transformação social.

A empatia também deve orientar o autocuidado do docente. Cuidar de si é uma condição para cuidar do outro. Práticas como o desenvolvimento da consciência emocional, a reflexão sobre a própria trajetória e o apoio entre colegas de trabalho são fundamentais para a manutenção da saúde mental e do entusiasmo profissional. Como sugere Nascimento (2015), o professor empático precisa, antes de tudo, ser empático

consigo mesmo, reconhecendo seus limites e buscando constantemente seu equilíbrio interior.

As práticas empáticas no contexto educativo devem ser compreendidas como parte integrante de um projeto pedagógico humanizador. A construção de uma escola mais sensível, inclusiva e solidária depende da intencionalidade dos educadores em transformar suas ações cotidianas a partir da escuta, do afeto e do compromisso com a formação integral dos sujeitos.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou analisar de que maneira a empatia pode fortalecer as relações pedagógicas e contribuir para a promoção de uma educação mais humanizada, justa e inclusiva. Questionou como a relação empática entre professor e aluno pode influenciar positivamente os processos de ensino e aprendizagem no ambiente escolar.

Ao longo da pesquisa bibliográfica, constatou-se que a empatia, compreendida como a capacidade de se colocar no lugar do outro de maneira respeitosa, sensível e ética, é uma dimensão essencial da prática docente. Essa postura vai além de um atributo pessoal: trata-se de uma competência profissional que pode — e deve — ser desenvolvida intencionalmente por meio de formação continuada, autorreflexão e práticas pedagógicas comprometidas com o bem-estar e o desenvolvimento integral dos estudantes.

No cumprimento do primeiro objetivo específico, que consistia em compreender os fundamentos teóricos da empatia e sua relevância na relação professor-aluno, foi possível identificar, a partir de autores como Carl Rogers (1985) e Paulo Freire (1996), que a empatia se traduz em atitudes como escuta ativa, respeito à individualidade, valorização dos saberes dos alunos e criação de vínculos afetivos. Esses elementos são indispensáveis para a construção de um ambiente escolar acolhedor, motivador e propício à aprendizagem significativa.

O segundo objetivo específico visava analisar práticas pedagógicas empáticas que podem ser aplicadas no cotidiano escolar. Com base nas contribuições de Mantoan (2003), Pianta (1999), Johnson e Johnson (1999), entre outros, foi possível mapear diversas estratégias, como o ensino colaborativo, o uso da avaliação dialógica, a valorização da diversidade e a criação de espaços de convivência pautados na escuta e no diálogo. Tais práticas revelam que a empatia, quando efetivada de forma sistemática, pode transformar a sala de aula em um espaço de inclusão, pertencimento e respeito mútuo.

A análise realizada permitiu concluir que a relação empática entre professor e aluno não é apenas um fator que humaniza a educação, mas também uma condição pedagógica que favorece o engajamento escolar, a autoestima dos estudantes e o desenvolvimento de competências socioemocionais. A empatia amplia o alcance da educação para além da transmissão de conteúdos, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, autônomos e solidários.

Ainda que os benefícios da empatia na educação sejam evidentes, a pesquisa também evidenciou desafios para sua consolidação nas práticas docentes. Dentre eles, destacam-se a formação inicial ainda centrada em modelos tecnicistas, a sobrecarga de trabalho dos professores e a escassez de políticas institucionais que valorizem o cuidado, a afetividade e as relações humanas na escola. Esses obstáculos revelam a urgência de uma mudança de paradigma, em que a dimensão relacional do ensino seja reconhecida como tão importante quanto os conteúdos curriculares.

Portanto, investir em uma pedagogia empática é, ao mesmo tempo, um compromisso ético e uma estratégia pedagógica de excelência. Requer que os educadores assumam sua função social com sensibilidade, que compreendam a complexidade do ser humano em sua totalidade e que estejam dispostos a repensar suas práticas com base no diálogo, na escuta e na valorização das experiências dos alunos.

A relevância social e acadêmica desta pesquisa reside justamente em sua contribuição para o fortalecimento de uma cultura educacional mais humana, afetiva e inclusiva. Em um mundo marcado por desigualdades, intolerâncias e rupturas nas relações interpessoais, a empatia se coloca como um valor indispensável à formação de cidadãos comprometidos com a convivência ética e democrática.

Espera-se que este estudo inspire outros educadores e pesquisadores a aprofundarem o debate sobre as relações pedagógicas e a importância do vínculo afetivo na construção do conhecimento. Que a empatia não permaneça apenas no campo do discurso, mas se concretize em atitudes, práticas e políticas educacionais que reconheçam a centralidade das relações humanas na missão de educar.

Considerando os resultados obtidos por meio da revisão bibliográfica e as reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho, propõe-se, neste capítulo, uma intervenção pedagógica voltada à formação de professores com ênfase na empatia como eixo fundamental da prática docente. Tal proposta visa contribuir para a qualificação das relações entre professores e alunos, fortalecendo o ambiente escolar como espaço de escuta, respeito e inclusão.

Sugestão de “Projeto de intervenção pedagógica”.

Título: *Formação Docente para o Desenvolvimento da Empatia nas Relações Pedagógicas*

Objetivo Geral: Promover a formação continuada de professores com foco no desenvolvimento da empatia como competência essencial para o fortalecimento das relações pedagógicas e a melhoria da qualidade do ensino.

Público-Alvo: Professores da Educação Básica (Ensino Fundamental I e II), preferencialmente de uma escola pública ou rede municipal de ensino.

Duração: 3 meses (com encontros quinzenais presenciais ou híbridos).

Metodologia:

- Oficinas pedagógicas com dinâmicas de escuta ativa, análise de casos e simulações de situações escolares;
- Estudos dirigidos de textos teóricos de autores como Carl Rogers, Paulo Freire e Mantoan;
- Círculos de diálogo entre professores para partilha de experiências e desafios cotidianos;
- Produção de um plano de aula empático, em grupo, com base nos princípios estudados;
- Avaliação participativa, com autoavaliação e devolutivas coletivas.

Conteúdos temáticos:

1. Conceito de empatia e sua importância na docência;
2. Escuta ativa e comunicação não violenta;
3. Relações afetivas e aprendizagem significativa;
4. Práticas pedagógicas empáticas: exemplos e estratégias.

Resultados esperados:

- Ampliação da consciência docente sobre o papel da empatia nas práticas educativas;
- Adoção de atitudes pedagógicas mais dialógicas, respeitosas e inclusivas;
- Melhoria da relação professor-aluno e do clima escolar;
- Fortalecimento do vínculo entre equipe docente e comunidade escolar.

Avaliação da intervenção: Será feita por meio de:

- Questionários diagnósticos antes e depois da formação;
- Relatos reflexivos dos professores;
- Observação de mudanças nas práticas pedagógicas no cotidiano escolar.

Acredita-se que esta proposta de intervenção pedagógica represente uma possibilidade concreta de transformação das práticas docentes, contribuindo para o fortalecimento das relações interpessoais no espaço escolar. Ao articular teoria e prática, reafirma-se o compromisso da educação com a construção de vínculos empáticos, respeitosos e humanizadores entre professores e alunos. Assim, conclui-se que promover a empatia na prática pedagógica não é apenas desejável, mas necessário para uma educação verdadeiramente inclusiva, significativa e capaz de responder aos desafios contemporâneos da escola.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural: mediações e práticas pedagógicas*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

DALL'IGNA, Maria Raquel. *Empatia e formação humana: um olhar a partir da Educação*. Curitiba: Appris, 2014.

DAY, Christopher. Development and the teacher's identity. In: DAY, C.; SACHS, J. (orgs). *International Handbook on the Continuing Professional Development of Teachers*. Berkshire: Open University Press, 2001.

EGLÉSIAS, Maria Teresa. *Educação e diversidade cultural: desafios à formação docente*. Campinas: Papirus, 2014.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Escola e diferença: questões e perspectivas para a inclusão escolar*. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T. *Learning together and alone: cooperative, competitive, and individualistic learning*. Boston: Allyn and Bacon, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

NASCIMENTO, Ana Paula B. do. *Educação emocional e bem-estar docente: reflexões para uma pedagogia empática*. Curitiba: Appris, 2015.

NÓVOA, António; ALARCÃO, Isabel. *Formar professores para mudar a escola*. Porto: Porto Editora, 2003.

PIANTA, Robert C. *Enhancing relationships between children and teachers*. Washington, DC: American Psychological Association, 1999.

PIANTA, Robert C.; STUHLMAN, Megan W. Teacher-child relationships and children's success in the first years of school. *School Psychology Review*, v. 33, n. 3, p. 444–458, 2004.

RINALDI, Carlina. *In dialogue with Reggio Emilia: listening, researching and learning*. New York: Routledge, 2005.

RIOS, Terezinha Azerêdo; PIMENTA, Selma Garrido. *Ética e formação docente*. São Paulo: Loyola, 2008.

ROGERS, Carl R. *Liberdade para aprender*. Porto Alegre: Artmed, 1985.

SALOVEY, Peter; MAYER, John D. Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality*, v. 9, n. 3, p. 185-211, 1990.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.